

## **Caminho da Fé: peregrinação e turismo na contemporaneidade**

Haudrey Germiniani<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

O objetivo deste artigo foi analisar o fenômeno da peregrinação na sociedade moderna e contemporânea e suas interfaces com o turismo religioso. Serviu como campo etnográfico da pesquisa o Caminho da Fé uma rota para peregrinação inaugurada oficialmente no dia 12 de fevereiro de 2003. O itinerário inicia-se em Tambaú (SP), cidade onde viveu o Padre Donizetti Tavares de Lima, e passa por várias cidades do interior de São Paulo e do sul de Minas Gerais, com o objetivo de chegar a Aparecida (SP), local do maior santuário católico brasileiro. Com um total de 415 quilômetros, pode ser considerada a mais nova e maior trilha permanente do Brasil. O meu olhar foi direcionado preferencialmente para a diversidade de contextos históricos, culturais, religiosos, econômicos e políticos que são atualizados nas diversas dimensões constitutivas do objeto de estudo.

**Palavras-chave:** peregrinação religiosa; Caminho da Fé; turismo religioso no Brasil.

### **1. A oficialização do Caminho da Fé**

O Caminho da Fé é um itinerário para peregrinação e turismo que inicia-se na cidade de Tambaú (SP) e passa por várias cidades do sul de Minas Gerais, com o objetivo de chegar a Aparecida (SP), cidade do vale do Paraíba onde se localiza o maior santuário católico brasileiro. Com um total de 415 quilômetros, o Caminho da Fé é considerado a maior trilha permanente para peregrinação do Brasil.

A fim de compreender a construção de um itinerário “inventado” a partir da tradição religiosa brasileira e tendo como inspiração o Caminho de Santiago de Compostela, apresentarei a seguir um pouco da sua história.

Há duas maneiras de contar sobre a origem e a construção do Caminho da Fé. A primeira maneira busca reconstituir a história do Caminho através de documentos escritos, como as atas e as reportagens em jornais impressos, chamada de tradição escrita. A segunda consiste em relatos de pessoas envolvidas com a elaboração da rota, de peregrinos e dos moradores das cidades que o caminho atravessa, chamada de tradição oral.

Neste trabalho, retoma-se a origem do Caminho da Fé através das atas das reuniões da Comissão Idealizadora desse Caminho, das reportagens de jornais que divulgaram o itinerário, como também são utilizados entrevistas e relatos de pessoas que participaram da construção desse empreendimento. Utilizarei, portanto, os textos escritos e a história oral como material etnográfico, procurando analisá-los na tentativa de contar uma parte da história do Caminho da Fé.

O projeto de um itinerário para peregrinação no Brasil surgiu no Caminho de Santiago de Compostela, quando em 1999 o empresário Almiro Grings, teve a idéia da realização no Brasil de um caminho para peregrinação. Mas foi em 2001, percorrendo pela segunda vez essa rota cristã, que ele começou a aprimorar o seu plano. Segundo Grings,

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais, Mestre e Doutora em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

“Um caminho semelhante seria um grande sucesso no Brasil, serpenteando a Serra da Mantiqueira e o local seria Águas da Prata, cidade onde moro, até Aparecida. Que pega mais ou menos 250 km da serra da Mantiqueira, um local muito lindo, muito mais bonito que Compostela”.

De volta ao Brasil, Almiro Grings é eleito presidente da ASSOCIR (Associação Comercial Industrial e Rural de Águas da Prata). Resolveu, então, expor, nas reuniões dessa associação, sua idéia de construir uma rota de peregrinação no Brasil. No entanto, antes de apresentar o projeto do Caminho em uma das reuniões, traçou no mapa uma linha mais curta entre Águas da Prata e Aparecida e percorreu de carro todo o percurso idealizado, constatando a viabilidade do seu plano. Porém, quando apresentou o projeto, alguns dos presentes na reunião da ASSOCIR riram de sua idéia.

Apesar de o projeto ter sido ridicularizado, Almiro Grings prosseguiu com a sua idéia. Reuni-se com o Padre João Betella Filho, de Águas da Prata, e apresentou o projeto. O padre, então, sugeriu que se fizesse um contato com a reitoria do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Almiro Grings e Aparecida Dezena (presidente da ONG SCOORP de Águas da Prata \_ Sociedade Comunitária Renovação e Progresso) reuniram-se, então, com o reitor em exercício do Santuário, Padre Antônio Agostinho Frasson, que apreciou e apoiou o projeto. Como noticiou a Folha de São Paulo, o Reitor manifestou, posteriormente, seu apreço ao Caminho da Fé: “A igreja já teve outras propostas de rota de peregrinação baseadas em Santiago. Não menosprezamos nenhuma. O Caminho da Fé, no entanto, tem uma forte motivação religiosa. Por isso a igreja decidiu apóia-lo sem restrições” (SANTAMARIA, 2002, p.c1). Assim, com o aval da Igreja Católica, começaram os contatos com as prefeituras, com as dioceses e paróquias das cidades que integrariam o itinerário da peregrinação.

O projeto do Caminho da Fé envolveu em sua primeira etapa três dioceses, 16 paróquias e 16 prefeituras. Na segunda etapa, mais três paróquias e prefeituras na extensão que liga Águas da Prata a Tambaú, cidade onde se inicia, atualmente, a peregrinação. Foram realizadas reuniões com representantes políticos e religiosos das cidades que participariam do projeto.<sup>2</sup>

A primeira reunião geral para a idealização do projeto do caminho aconteceu no dia 12 de setembro de 2002, na Fazenda Menino da Porteira, em Ouro Fino. Compareceram à reunião os representantes dos municípios: Ouro Fino, Paraisópolis, Inconfidentes, Pindamonhongaba, Andradadas, Santo Antônio do Pinhal, Itajubá, Tocos-do Mogi, Borda da Mata, Sapucaí Mirim, cidades mineiras; e Águas da Prata e São Bento do Sapucaí, cidades paulistas. Nesse primeiro encontro foi exibida uma filmagem sobre o Caminho de Santiago de Compostela, realizada por um peregrino brasileiro. Em seguida, iniciou-se a discussão sobre a viabilização de um caminho para peregrinação e a necessidade da criação de um roteiro para ser entregue aos peregrinos, bem como sobre a criação de uma comissão idealizadora, composta por moradores de Águas da Prata.

A segunda reunião geral foi realizada no dia 8 de outubro de 2002, no espaço cultural Plínio Salgado, na cidade de São Bento do Sapucaí, SP. Estiveram presentes representantes das prefeituras das seguintes cidades: Aparecida, Andradadas, Águas da Prata, Paraisópolis, Tocos do Mogi, Pindamonhangaba, Borda da Mata, Ouro Fino e São Bento do Sapucaí. A reunião foi comandada por Almiro Grings, contando também com a presença da secretária de Turismo do Estado de São Paulo, Nilda Goraibe. A primeira pauta referia-se

<sup>2</sup> As informações das reuniões, para a idealização do Caminho, mencionadas a seguir, foram retiradas das atas lavradas por Aparecida Dezena e cedidas pela Comissão Idealizadora de Águas da Prata.

ao encontro das trilhas entre os municípios: decidiu-se que até o dia 18 de outubro de 2002 os municípios informariam à comissão idealizadora as trilhas a serem percorridas e as distâncias entre as cidades e também a capacidade de hospedagem dos hotéis, pousadas e albergues locais. Em princípio, as paróquias poderiam se encarregar da hospedagem, mas, caso não manifestassem interesse, esta ficaria a cargo da prefeitura.

A pauta discutida em seguida foi sobre a cor da sinalização do Caminho. Almiro Grings sugeriu a cor amarela, inspirado pelas setas amarelas de Santiago, e todos concordaram com a sugestão. Também ficou decidido que cada prefeitura sinalizaria a rota de seu município. O modelo das credenciais ficaria a critério da comissão idealizadora de Águas da Prata, e a confecção das demais caberia aos municípios. Houve muitas dúvidas, sendo o filme sobre o Caminho de Santiago de Compostela exibido novamente para elucidações. Nessa reunião foi colocado em votação o nome oficial do caminho, sendo “Caminho da Fé” o escolhido. Também ficou decidido que as pessoas que fizessem o “Caminho da Fé” seriam denominadas “peregrinos”.

A terceira reunião geral do “Caminho da Fé” aconteceu no dia 5 de dezembro de 2002, na Câmara de Vereadores da cidade de Aparecida (SP). Participaram dessa reunião os representantes das cidades de Águas da Prata, Andradas, Ouro Fino, Inconfidentes, Borda da Mata, Tocos do Mogi, Bom Retiro, Consolação, Pindamonhagaba, São Bento do Sapucaí, Santo Antônio do Pinhal, o representante do jornal Folha de São Paulo, Maércio Santa Maria, e o prefeito de Aparecida, José Luiz Rodrigues. Nessa ocasião, o prefeito iniciou a reunião enfatizando a importância do projeto Caminho da Fé para o desenvolvimento do turismo religioso em todos os municípios envolvidos. Em seguida, Almiro Grings falou da proteção de Nossa Senhora para a realização do projeto. A secretária de Turismo de Aparecida sugeriu a criação de uma logomarca do Caminho da Fé para ser utilizada em todos os municípios. A comissão idealizadora do projeto apresentou um prospecto da credencial que foi chamada de “Mariana”, impressa a consagração à Nossa Senhora. Por fim, ficou decidido que a inauguração do Caminho da Fé será no dia 11 de fevereiro de 2003, e outra inauguração, denominada “oficial”, ocorreria dia 1º de maio desse mesmo ano.

A inauguração do primeiro trecho do Caminho da Fé, com 343 km, aconteceu no dia 12 de fevereiro de 2003, em Águas da Prata, com grande festa, missa e a presença das imprensas local e nacional.

O segundo trecho que completa o Caminho da Fé inicia-se em Tambaú, cidade do Estado de São Paulo, outro local tradicional de romarias, onde viveu o Padre Donizetti Tavares de Lima, a quem são atribuídos vários milagres. Essa segunda etapa do Caminho foi inaugurada no dia 16 de junho, data que marcou a morte do Padre Donizetti, em 1968.

## **2. O encontro do padre com a santa**

Os espaços e objetos que são focos de peregrinações, na maioria das vezes, possuem um texto escrito ou um mito oral sagrado que lhes legitimam, podendo ser túmulos, relíquias, espaços que foram habitados por pessoas reconhecidas como santas, como também, montanhas e grutas podem simbolizar o sagrado.

O itinerário do Caminho da Fé promove, simbolicamente, o encontro entre o padre milagroso Donizetti com sua santa de devoção, Nossa Senhora Aparecida. É justamente o encontro imaginário entre o Padre e a Santa, representado, respectivamente, pelas cidades

paulistas de Tambaú e Aparecida – consideradas pela própria Igreja Católica como o “eixo religioso” brasileiro –, que simbolizam a forte motivação religiosa do Caminho da Fé, ocasionado o apoio sem restrições dessa Igreja.

### 3. As “Grandes Romarias” de Tambaú

Em 1926, o Padre Donizetti chega em Tambaú e conquista a população da cidade, segundo os relatos de pessoas que viveram naquela época. Nessa cidade, o pároco continuou a trabalhar em prol dos menos favorecidos, sendo a sua convivência com os moradores de Tambaú menos conflituosa do que fora em Vargem Grande, cidade de onde foi afastado após divergir da oligarquia local (AZEVEDO, 2001).

Um fato, porém, contribuiu para a harmonia do padre com os moradores locais: um incêndio na Igreja de Santo Antônio, no ano de 1929, considerado o grande marco na vida do Padre Milagroso. A igreja fora destruída pelo fogo, sobrando apenas as paredes laterais e a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que foi retirada intacta do altar em chamas, sendo esse fato considerado por muitos um milagre. Outros acreditavam que esse evento era uma forma de reconhecimento da proteção da santa ao padre. Em Tambaú, em livro conservado no arquivo da paróquia, encontra-se o seguinte documento, escritos anos depois pelo Pe. Donizetti e assinado por várias testemunhas:

Atestamos que a 11 de outubro de 1929, às 8 horas, irrompeu, imprevistamente, pavoroso incêndio na matriz local, destruindo tudo. Vinte e duas imagens foram reduzidas a cinzas, restando, do edifício, apenas, as paredes revestidas do reboco. Entretanto, ilesa, ficou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, com o manto de seda, o que causou profunda impressão em todos. Será perpetuado o fato insólito em suntuosa Igreja que será construída no centro da cidade, à rua Santo Antônio, para conservação da milagrosa imagem. Tambaú, 7 de setembro, 1946. Vig. Padre Donizetti Tavares Lima (PICÃO, 1961).

No entanto, até 1954 a população de Tambaú ainda considerava as qualidades do padre comuns a todos os párocos. Nesse ano, entretanto, aconteceu o primeiro milagre atribuído ao Pe. Donizetti. Um vendedor de vinho de Poços de Caldas (MG), sentindo fortes dores nos joelhos, recebe a bênção do Padre e cura-se. A notícia desse acontecimento propagou-se por toda a região atraindo pessoas em busca de milagres.<sup>3</sup> Dessa forma, começaram as primeiras romarias vindas das cidades vizinhas. As pessoas chegavam de caminhão, a pé, a cavalo, em ônibus e carros, faziam filas imensas na porta da igreja para receber a bênção do padre. A cidade começou a receber romarias de vários lugares do Brasil; a notícia dos milagres corria por todas as regiões, através do rádio, da televisão, dos jornais e do “boca a boca”.

Durante o período de 30 de maio de 1954 a 30 de maio de 1955, conhecido como o período das “Grandes Romarias”, a cidade de Tambaú foi invadida por romeiros,

<sup>3</sup> Jornal Tambaú, de 20 de agosto de 1997.

vendedores de artigos religiosos, vindos de Aparecida, no Vale do Paraíba, transformando a cidade em um pólo de romarias. A pequena Tambaú já não tinha estrutura para acolher tantas pessoas, o abastecimento de água potável era insuficiente e as casas de moradores locais foram transformadas em pensões e restaurantes. Com 16 mil habitantes em 1954, Tambaú passa a ter uma população flutuante de mais de 55 mil pessoas, ocasionando um caos urbano.<sup>4</sup>

Muitos romeiros relatavam que haviam testemunhado os milagres do padre. Os jornais locais e nacionais da época, os programas de rádio divulgavam todos os dias as curas realizadas por ele. A televisão transmitia imagens da multidão diretamente da “cidade dos milagres”. Assim, cada vez mais, a cidade recebia romeiros que se aglomeravam em filas imensas para receber a bênção milagrosa. Como mostrado no trecho extraído do Jornal Gazeta de Ouro Fino, em 3 de abril de 1955, “Tambaú, Terra da Fé e da Esperança – O Pe. Donizetti continua curando. Partindo desse município e vindos de outros, continuam as intermináveis romarias para a Meca religiosa de Tambaú” (AZEVEDO, 2001).

Devido à afluência crescente da multidão que invadia a cidade todos os dias, a igreja, as autoridades civis e o próprio Pe. Donizetti decidiram parar com as bênçãos coletivas, pois o grande número de romeiros impedia o funcionamento cotidiano da cidade, além da possibilidade de um surto epidêmico.<sup>5</sup> Então, no dia 30 de maio de 1955, o pároco foi saudado por, pelo menos, duzentas mil pessoas na cidade em sua última bênção pública. Contam os registros da história oral que o padre pediu para que os fiéis não voltassem mais, pois aquela seria a última bênção. Apesar de os romeiros insistirem, o padre não voltou atrás na sua decisão. Como noticiaram vários jornais, entre eles a Folha da Tarde, de São Paulo, em 1.º de junho de 1955, manchete da primeira página:

Derradeiras visões de Tambaú – A Bênção Derradeira – Dia 30 , o dia marcado pelo Padre Donizetti Tavares de Lima para a bênção derradeira. (...) Padre Donizetti foi inflexível. Às 20 horas de segunda-feira ministrou sua última bênção aos derradeiros peregrinos de Tambaú. Ontem, já desfeita pela manhã as barraquinhas dos vendedores improvisados , a cidade retornou à normalidade com uma faxina.

Com o término das romarias, o padre necessitava dar um destino para a importância significativa doada em dinheiro pelos romeiros. Para tanto, ele tinha um projeto, considerado como a grande obra de sua vida: a construção do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. No entanto, o Bispo da Diocese, Dom Luís Amaral, não concordava com a construção do santuário, por julgar uma obra grandiosa demais para a paróquia de Tambaú. No entanto, Donizetti insistiu por várias vezes, mas em vão. A edificação do santuário somente iniciou-se após a sua morte (AZEVEDO, 2001).

Pe. Donizetti faleceu em 16 de junho de 1961. Em seu enterro estiveram presentes romeiros e autoridades para prestarem a última homenagem ao homem

<sup>4</sup> Boletim informativo da Associação de fiéis do Pe. Donizetti –Ano II, N.º 14, Tambaú – outubro de 1998.

<sup>5</sup> A multidão que invadia a cidade trouxe vários problemas, como o aumento do número de furtos e roubos ocasionados pela enorme afluência de malandros que aproveitavam do tumulto para agirem, como também, as ruas ficavam cobertas de lixo e bares e restaurantes improvisados não tinham princípios elementares de higiene. (O Mundo Ilustrado, Rio de Janeiro, 08/06/1955).

considerado milagroso. Vários jornais anunciaram o fato, a exemplo, da Folha de São Paulo e de O Dia:

O povo invadiu o Cemitério para dar o Adeus ao Padre Donizetti – Tambaú, às 12 h e 10 de hoje, debaixo de forte sol, com choros e pétalas de flores sobre o túmulo, o esquife do Pe. Donizetti baixou a sepultura (...)” (Folha de São Paulo, 19/06/1961).

Multidão Acompanhou o Enterro do Padre Donizetti: Desolação entre os fieis pelo passamento do virtuoso sacerdote \_ População de Tambaú chorou a morte de seu grande vigário \_ presentes muitas pessoas que haviam recebido graça” (**O Dia**, São Paulo, 18/06/1961).

Como homenagem por sua dedicação à paróquia de Tambaú foi construído um túmulo no cemitério. O túmulo, todo envidraçado, é visitado constantemente pelos romeiros, que acendem velas e levam flores como agradecimento de alguma graça alcançada (AZEVEDO, *op.cit*).

A presença de romeiros faz parte, ainda hoje, da rotina de Tambaú. Mesmo após a morte do padre, as romarias continuaram. O túmulo do padre ainda é visitado pelos doentes, necessitados e turistas vindos de diversos lugares do Brasil. O número de romeiros aumenta a cada ano, conforme os registros do Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Tambaú<sup>6</sup>.

A Marcha da Fé é um evento que ocorre em Tambaú no domingo mais próximo ao dia 16 de junho, reunindo milhares de fiéis. A procissão parte da frente do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, percorrendo o último trajeto que o corpo do padre fez na cidade e termina no cemitério. Durante esse trajeto, todos carregam uma cruz e pedem para serem atendidos por Nossa Senhora Aparecida e pelo Pe. Donizetti (AZEVEDO, *op.cit*).

Desde a época das “Grandes Romarias”, vários documentos, cartas e depoimentos de pessoas que testemunharam os milagres foram devidamente arquivados para a abertura do Processo de Beatificação do padre. A Câmara Municipal, em 1991, requer ao bispo o pedido de abertura do processo, que no ano seguinte oficializa o seu apoio a essa causa.

A sociedade civil também apóia o Processo de Beatificação do Pe. Donizetti. Em 1º de outubro de 1994 foi constituída a Fundação Pe. Donizetti, para cuidar do Processo de Beatificação e do acervo que constitui o Museu e o Memorial do Pe. Donizetti. Em 7 de setembro de 1997 é instituída a Associação de Fiéis do Pe. Donizetti, composta por leigos católicos, com a finalidade de preservar a memória e divulgar os milagres do padre.

Atualmente, está em tramitação o Processo de Beatificação. Segundo o Juiz do Tribunal Vida e Virtudes, em resposta ao vereador Antônio Roberto Schivo, da Câmara Municipal de Tambaú, as testemunhas foram escolhidas e começaram as sessões de entrevistas. O andamento do processo pode ser acompanhado através do Boletim da Associação de Fiéis do Pe. Donizetti, divulgado impresso e via internet ([www.enetec.com.br/donizetti](http://www.enetec.com.br/donizetti)).

O Caminho da Fé, ao iniciar em Tambaú, cidade das tradicionais romarias, agrega o capital cultural acumulado durante a trajetória de vida do “Padre milagroso”. Dessa

<sup>6</sup> O Pregador, 1/05/ 1998.

forma, são recuperados antigos trajetos de romarias, possibilitando o encontro entre o Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Tambaú ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, SP, outro centro tradicional de peregrinação e o ponto de chegada daqueles que percorrem o Caminho da Fé.

#### **4. As romarias ao Santuário de Aparecida**

Dois documentos históricos do santuário que narram a origem da devoção à Nossa Senhora Aparecida, relatam a presença de devotos vindos de diversas localidades para agradecer ou pedir alguma graça. Outros documentos como os Livros de Atas da Mesa Administrativa do Santuário registram também o grande fluxo de peregrinos no Santuário de Aparecida. Segundo esses registros, o fluxo de pessoas intensifica-se com a implantação da cultura cafeeira no Vale do Paraíba, em 1840, e com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1877.

Os relatos de viajantes e cientistas sobre as romarias revelam a grande presença de peregrinos. Como mostram, em seus diários, os cientistas alemães Johann Baptist Von Spix e Karl Friedrich Philipp Von Martius, que vieram ao Brasil para pesquisar o terreno zoológico e botânico, em 1817:

A milagrosa imagem de Nossa Senhora atrai muitos peregrinos de toda a província de São Paulo e de Minas Gerais, dessas romarias encontramos diversas, quando na Véspera do Natal (1817) seguimos viagem. Aqui o modo de viajar, tanto para as mulheres como para os homens é sempre montados a cavalo, ou em mula; freqüentemente também o homem leva a mulher atrás, montada na garupa do animal (MARTIUS, p.130).

Algumas cartas também descrevem as romarias, como a carta do Pe. Lourenço Gahr, escrita em 1º de junho de 1895 para seu amigo Mons. Franz Brachar, na Alemanha:

Os romeiros, conforme um jornal do lugar, chegam a 150.000 por ano. \_ A maior parte dos romeiros vêm de trem, mas no tempo seco, de abril a novembro, vêm muitas caravanas com 15 até 30 cavalos, burros e cargueiros. As mulheres com criança no colo cavalgam à frente, seguem –nas os cargueiros sem tropeiro, carregando alimentos e apetrechos domésticos, e de cozinha, cobertos de couro de boi, e tudo em jacás nas costas do animal; enfim, vêm os homens montados e tendo, muitas vezes, na frente e atrás da sela, um filho.<sup>7</sup>

É interessante notar através dos relatos que, no início das romarias os devotos utilizavam como meio de transporte cavalos, mulas e burro, além de muitos que realizavam a viagem a pé. Ainda hoje a caminhada a pé, percorrendo longas distâncias, é umas das formas utilizadas para cumprir uma promessa ou, ainda, um meio para a realização de uma experiência religiosa.

<sup>7</sup> COPRESP-A, Vol. I, p. 231, carta n° 103 e Crônica da Comunidade Redentorista de Aparecida (Doc. N° 1), p. 25.

Com o advento da estrada de ferro, em 1877, foi inaugurada a Estação de “Aparecida do Norte”, responsável pela chegada da maior parte dos peregrinos. Com o início, em 1990, das grandes romarias programadas, foram fornecidos trens especiais para conduzir o grande número de pessoas que partiam diariamente para o Santuário (BRUSTOLONI, 1998, p. 89).

Na década de 1920, no entanto, os carros e ônibus começam a ser utilizados para transportar os peregrinos. Atualmente, no pátio do novo santuário<sup>8</sup> ficam estacionados motos, carros, bicicletas, cavalos, mulas e tratores vindos de todas as regiões do Brasil. Sendo as excursões de ônibus<sup>9</sup>, organizadas por leigos em diversas cidades, a forma de transporte mais utilizada pelos chamados “romeiros”.

Diferentemente da maioria dos santuários que só têm grande movimento por ocasião da festa anual, o Santuário de Aparecida é procurado durante todo o ano, chegando a receber cerca de seis milhões de pessoas por ano (OLIVEIRA, 2003, p.92). Apesar das excursões de ônibus e de os carros serem muito utilizados pelos peregrinos, ainda são numerosos os grupos que vêm a pé, a cavalo e de bicicleta. É o caso das pessoas que percorrem o Caminho da Fé em direção à Aparecida, que realizam o caminho, em sua grande maioria, a pé ou de bicicleta.

Apesar da ausência das autoridades eclesásticas no século XIX, os romeiros continuavam a visitar Aparecida, como também não deixaram de ocorrer após a recuperação clerical nos anos de 1890. Ainda hoje, a maioria das romarias são autônomas, isto é, independem da organização das paróquias locais. O fluxo crescente de peregrinos ao Santuário de Aparecida pode ser caracterizado pela grande devoção dos brasileiros à Nossa Senhora (FERNANDES, 1994, p.113). O culto a essa santa pode ser identificado como um símbolo de religiosidade, tanto popular quanto oficial. Nota-se que o deslocamento constitui o cerne da devoção, ou seja, o ato de ir e vir está inserido na tradição desse fenômeno religioso.

Enfim, pode-se afirmar que o Caminho da Fé é o espaço de ligação entre dois tradicionais centros de peregrinação do Brasil, a cidade de Tambaú e a cidade de Aparecida, agregando elementos da religiosidade popular que são reinventados<sup>10</sup> no contexto da contemporaneidade, proporcionando diferenciadas experimentações religiosas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, José Wagner Cabral de. **Padre Donizetti de Tambaú**. Aparecida: Editora Santuário, 2001.

<sup>8</sup> Em 1955 inicia-se a construção da Nova Basílica de Nossa Senhora Aparecida com capacidade para abrigar a lotação máxima de 70 mil pessoas. Atualmente o Santuário conta com uma área construída de 23.200 m<sup>2</sup> (Brustoloni: 220).

<sup>9</sup> Magnani (1984) e Fernandes (1988) citam em seus trabalhos essas romarias de ônibus que se dirigem à Aparecida do Norte. Essas romarias “independentes” são organizadas e oriundas das periferias de diversas cidades brasileiras que utilizam a viagem ao Santuário, também, como forma de lazer.

<sup>10</sup> Para Hobsbawn (1984, p. 9), a “tradição inventada” pode ser entendida como um conjunto de práticas, rituais ou simbólicas, capazes de indicar certos valores e normas de comportamento através da repetição, ocasionando uma relação de continuidade com o passado. Como apontou Bauman (1998, p.170), trata-se “reinvenção da tradição”, porque, para a realidade da “estrutura” ou da “cultura”, a “tradição” “não existe de modo a não ser no processo de contínua e inesgotável transformação”.

- BRUSTOLONI, Júlio. **História de Nossa Senhora Aparecida: A imagem, o santuário e as romarias**. 10<sup>a</sup> ed. Aparecida: Santuário, 1998.
- FERNANDES, R.C. Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, sarava! In: SACHS, Viola et al. **Brasil e E.U.A: religião e identidade nacional**. 2 ed. São Paulo: Graal, 1998.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1984.
- MAGNANI, **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARTIUS, Spike. **Viagem pelo Brasil, 1817-1820**. São Paulo: Melhoramentos.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Basílica de Aparecida: um templo para a cidade-mãe**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- PICÃO, David. **Relatório da Paróquia de Tambaú: da instalação da Diocese de São João da Boa Vista ao falecimento do reverendo Pe. Donizetti Tavares de Lima**. S. João da Boa Vista. Oficinas Gráfica A cidade de São João, 1961.
- SANTAMARIA, M. **Igreja apóia "Caminho de Santiago" no país**. Folha de São Paulo, p.c-1, 22dez 2002.